



O TATU

Augusto Meyer

O TATU é o mais longo e sem dúvida o mais importante dos nossos cantos populares ligados ao fandango.

Das quarenta quadrinhas reproduzidas no texto, algumas não passam de variantes de certa matriz, ou de um verso inicial que puxa fleira, por exemplo, O Tatu subiu a Serra, de 16 a 21, ou O Tatu foi encontrado, de 22 a 27, etc. Representam a parte monótona e menos original do canto, as repetições do improviso, quando o cantador parece possuído da mania de esgotar todas as variações em torno de um mesmo verso.

Mas, as três quadras iniciais, a modo de prelúdio, mostram expressamente que se trata de uma história, de um caso, de uma narração cantada, com sentido especial e completo: a história de um tatu que não é mais o bicho conhecido, mas o Tatu, o tal, com nome próprio e sentido humano.

O verso inicial de 1, *Eu vim pra contar a história*, é lugar-comum de exórdio épico, um modo corriqueiro de anunciar o caso, espécie de Canto, deusa, a cólera de Aquiles... Simples ementa posta no alto da narração. Não conheço outro exemplo tão completo de intenção "payadoresca" em nosso cancionário, o que basta para dar ao Tatu relevo particular. O verso que abre a Chimarrita (Vou cantar a Chimarrita) já não apresenta a mesma pureza de sabor, pois ocorre de preferência como arranque do canto nos motivos do fandango, por exemplo, Vou cantar a galinha-morta, ou Vou cantar esta Tirana. É verdade que no contexto da Chimarrita, está contida igualmente uma intenção de história a contar, de uma casa completa, inclusive a morte e as lamentações finais; é isso justamente que aproxima os dois cantos fandangueros, dando-lhes um caráter inconfundível. Em ambos além disso, a ex-

pressão do canto é saborosamente gauchesca, não obstante a conhecida procedência açoriana da Chimarrita.

Se em 5 e 6, o Tatu ainda aparece como simples tatu, como o desdentado tímido que todos perseguem; se em 8, 32 e 33 anda às voltas com a cachorrada e não largou a casca de animal; se em 9 e 10 vai roubar feijão, o que, aliás, me parece uma calúnia de caçador, observa-se a humanização do tema em 2, 4, 7 e a contar de 13 até o fim.

Em 14, 16, 19, 21, 23 e 24, o Tatu aguçou-se inteiramente; em 22 aparece como chusque na revolução dos Farrapas, levando officios para o general Davi Canabarro.

Mas o verdadeiro sentido de sua história — o calporismo — já preludado em 2, reponta em 13, quando alça o ponche, ressurgindo em 20 e de 25 até o fim entra num verdadeiro crescendo.

Em resumo, o Tatu é um delicioso canto popular herói-cômico, é a história do herói calpora ou ridículo, atingindo às vezes a expressão de um grotesco extremo, com grande vigor na concisão do verso, como podemos ver em 25, 26 e 27.

O estribilho do Tatu, reproduzido pela primeira vez no Anuário de Graçiano Azambuja, merece um reparo. O terceiro verso parece aludir à volta no meio, dança popular do Brasil citada por Balbi em seu "Essai statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve" (1822).

A música do Tatu foi publicada em folha desdobrável no Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1903, de Graçiano A. de Azambuja, sem explanação da procedência, e apenas com a seguinte nota: "Damos a música com que se dançava o cantava o Tatu. A dança consiste num sapateado." (V. pág. 216)

1

*Eu vim pra contar a história
 Dum tatu que já morreu,
 Passando muitos trabalhos
 Por este mundo de Deus.*

2

*O Tatu foi mui ativo
 Pra sua vida buscar;
 Batia casco na estrada,
 Mas nunca pôde ajuntar.*

3

*Ora, pois, todos escutem
 Do Tatu a narração,
 E, se houver quem saiba mais,
 Entre também na função.*

*Anda a roda,
 O tatu é teu;
 Voltinha no meio,
 O tatu é meu.*

Cf. Estribilho de um côco do alto São Francisco:

*Tatu no mato
 Anda de gibão;
 Este côco é bom?
 Será ou não.*

4

*O Tatu foi homem pobre
 Que apenas teve de seu
 Um balandrau muito velho
 Que o defunto pai lhe deu.*

*Cf. Chimarrita 8
 Var. Gaz. P. Al.:*

*O Tatu é um homem pobre
 Que não tem nada de seu,
 Tem uma casaca velha...*

5

*O Tatu é bicho manso,
 Nunca mordeu a ninguém,
 Só deu uma dentadinha
 Na Berninha do seu dem.*

O Tatu é bicho manso,
 Não pôde morder ninguém,
 Inda que queira morder,
 O Tatu dentes não tem.

O Tatu saiu do mato,
 Vestidinho, preparado,
 Parecia um capitão
 De camisa de babado.

O Tatu saiu do mato,
 Procurando mantimento;
 Calu n'uma cachorrada
 Que o levou cortando vento.

Cf. AB. Gr: AZ:

O tatu saiu do mato,
 Procurando mantimento,
 Saiu-lhe uma cachorrada
 Que procurara alimento.

O Tatu me foi à roça,
 Toda a roça me comeu;
 Plante roça quem quiser,
 Que o tatu quero ser eu.

Cf. Vale Cabral Gaz. Lit.:

Caítu caiu na roça,
 Toda a roça me comeu;
 Tenha roça quem tiver,
 Caítu quero ser eu.

Anda a roça,
 O tatu é teu;
 Voltinha no meio,
 O tatu é meu.

O Tatu é bicho chato,
 Rasteiro, toca no chão,
 Inda mais rasteiro fica,
 Quando vai rascar feijão.

O tatu de raba mole
 Faz guisado sem gordura,
 Ele é feio mas gostoso,
 Só lhe falta compostura.

Meu Tatu de rabo mole,
 Meu guisado sem gordura,
 Eu não gasto meu dinheiro
 Com moça sem formosura.

Meu tatu de rabo mole,
 Meu guisado sem gordura,
 As moças de Pôrto Alegre
 Têm pernas de saracura.

13

Depois de muito corrido
 Nos pagos em que nasceu,
 O Tatu alçou o ponche,
 Pr'outras bandas se moveu.

14

Eu vi o Tatu montado
 No seu cavalo pieço,
 De bolas e tirador,
 De faca, rebenque e laço.

Cf. Cupido gausca I

15

Aonde vai, senhor Tatu,
 Em tamanha galopada?
 Vou para Cima da Serra,
 Dançar a polca-mancada.

Cf. Zorrilho, Gaz. P. Al.:

Onde vai, senhor Zorrilho,
 Com tamanha disparado?
 Vou na costa de Bagé
 Dançar a polca-mancada.

16

O Tatu subiu a Serra,
 No seu cavalo alçado,
 De borbicacho na orelha,
 Repassando um redondo.

Cf. Tatu 21

17

O Tatu subiu a Serra,
 Pra serrar um tabuado,
 Levou mala de farinha
 E um porongo de melado.

Cf. var. An. Gr. Az.:

E sua pipa de melado.

18

O Tatu subiu a Serra,
 A força de mocotó,
 Caminhos cinquenta léguas,
 Pra ver se achava ouro em pó.

O Tatu subiu a Serra,
Com fama de laçador;
Bota laço, tira laço,
Bota pilalos de amor.

Cf. Cupido guasca 2

20

O Tatu subiu a Serra,
Com ganas de beber vinho;
Apertaram-lhe a garganta,
Vomitou pelo focinho.

Cf. var. An. Gr. Az.:

Com tenção de beber vinho.

21

O Tatu subiu a Serra,
No seu cavalo alardo,
Com laço e bolas nos tentos,
Repassando um redomdo.

Anda a roda,
O tatu é teu;
Vollinha no meio,
O tatu é meu.

22

O Tatu foi encontrado
No passo do Jacuí,
Trazendo muitos officios
Para o general Davi.

23

O Tatu foi encontrado
Lá nos cervos de Bagé,
De laço e bolas nos tentos,
Atrás de um boi jaguamé.

24

O Tatu depois foi visto
No cêrro de Viandô,
Com seu lacinho nos tentos,
Repassando um redomdo.

Cf. Tatu 21

O Tatu foi encontrado
 No cêrro de Batovi,
 Roendo as unhas de fome,
 Ninguém me contou, eu ri.

O Tatu foi encontrado
 Pras bandas de São Sepé,
 Mui affito e muito pobre,
 De freio no mdo, a pé.

O Tatu foi encontrado
 Lá pra banda de Bagé,
 Muito affito e muito pobre;
 Perguntou pela mulher.

O Tatu foi encontrado
 Na serra de Conguex,
 Mais triste do que um socó
 E sujo como urubá.

Depois de muita folia
 Em que o tatu se meteu,
 Deram-lhe muito gnação
 E o Tatu emandecceu.

E logo desceu pra bairro,
 Mui triste da sua vida,
 Com a casca toda riscada,
 De orelha murcha, caída.

Anda a roda,
 O tatu é teu;
 Voltinha no meio,
 O tatu é meu.

Lo chegar á sua casa,
 O Tatu vinha contente,
 Por ver a sua Tatu
 E quem mais era parente.

*Minha comadre Tatua,
 Aécus, como tem passado?
 — Tenho passado mui bem,
 Porém, com algum cuidado.*

*Tatua, minha tatua,
 Acuda, sendo eu morro!
 Fezta todo desfimado
 Das dentadas de um cachorro.*

*Dei graças a Deus achar
 Uma toca já deixada,
 Pois que vinha um caçador
 Com uma grande cachorrada.*

*Sempre me disse a tatua
 Que não fosse pra esse lado;
 Foi feliz por logo achar
 Uma topera deixada.*

*Até chegar nesta idade,
 Remédio nunca tomei;
 Tatua, estou mui doente,
 Por remédio, eu tomarei.*

*Se quiser curar, me cure,
 Não lhe faltando a vontade,
 Que sendo eu vou-me embora
 Lá pra casa da comadre.*

*Bia deu folhas de umbu
 Com raiz de passacaveira,
 Mas, coitado do Tatu,
 Morreu indo mais ligeiro!*

*A tatua e os tatuajinhos
 Puseram-se a cavoucar,
 Pra fazer a funda cova,
 Pra o seu tatu enterrar.*

A tatua está viúva,
 O seu tatu já morreu;
 Ela agora quer marido
 Travesso, como era o seu.

A tatua está mísera,
 Quer marido doutro jeito,
 Que não viva longe dela,
 Seja um tatu de respeito.

E, se algum dos meus senhores
 Quer ser tatu preferido,
 A tatua está viúva:
 É só fazer seu pedido...

Anda a roda,
 O tatu é teu;
 Voltinha no meio,
 O tatu é meu.

(Do "Cancioneiro Gaúcho")

